



Do temor à chuva ao céu de onde descem dragões: percepção e registo de fenómenos naturais (séculos VII a XVIII)

Author(s): Valdaliso-Casanova, Covadonga; Campos, Maria Amélia Álvaro de

Published by: Imprensa da Universidade de Coimbra

Persistent URL: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/44936>

Accessed : 13-Jun-2019 10:00:47

The browsing of UC Digitalis, UC Pombalina and UC Impactum and the consultation and download of titles contained in them presumes full and unreserved acceptance of the Terms and Conditions of Use, available at https://digitalis.uc.pt/en/terms_and_conditions.

As laid out in the Terms and Conditions of Use, the download of restricted-access titles requires a valid licence, and the document(s) should be accessed from the IP address of the licence-holding institution.

Downloads are for personal use only. The use of downloaded titles for any another purpose, such as commercial, requires authorization from the author or publisher of the work.

As all the works of UC Digitalis are protected by Copyright and Related Rights, and other applicable legislation, any copying, total or partial, of this document, where this is legally permitted, must contain or be accompanied by a notice to this effect.

18

2 0 1 8

**Revista
de História
da Sociedade
e da
Cultura**

CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE E DA CULTURA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Do temor à chuva ao céu de onde descem dragões. Percepção e registo de fenómenos naturais (séculos VII a XVIII)

A explicação dos fenómenos naturais na cultura ocidental experimentou, entre os tempos medievais e os modernos, uma transição do predomínio do pensamento religioso ao domínio do pensamento racional baseado na ciência. Esta passagem foi lenta e, mais do que limites ou fronteiras, houve durante várias centúrias um convívio entre maneiras de perceber e significar que só posteriormente seriam classificadas como ‘científicas’ ou ‘não científicas’. Embora essa classificação por vezes pareça baseada na metodologia, na verdade são outros os motivos que levam a aceitar ou não, segundo os critérios atuais, a validade das teorias do passado. Por exemplo, uma década depois de Descartes ter publicado o *Discurso sobre o método*, James Ussher situava a Criação no dia 22 de outubro do ano 4004 a.C. a partir de uma análise dos textos bíblicos muito similar às realizadas por Johannes Kepler, ou pelo “filósofo da natureza” Isaac Newton, entre outros. Do ponto de vista destes autores, o método utilizado para calcular a idade do mundo não era diferente de outros aplicados para explicar ou justificar fenómenos astronómicos, geológicos ou biológicos a partir de observações, medições e experiências. E, de facto, o que diferencia esses cálculos dos atuais não é o método, mas a natureza dos dados em análise.

Para um investigador atual a Bíblia não é válida para estudar a origem da Terra ou do Universo, mas pode ser uma fonte para o estudo de outros fenómenos e, fundamentalmente, é uma fonte essencial para o estudo da percepção desses fenómenos no passado. A leitura dos movimentos celestes como mensagens e das catástrofes naturais como castigos divinos foi constante ao longo das idades Média e Moderna, e os registos do passado devem ser analisados tendo em conta essas vivências e essa percepção. Conscientes de que um eclipse ou um meteorito não têm para um astrónomo contemporâneo o mesmo significado que tinham para um monge do século XII, ou para um camponês do século XVI, os investigadores sabem que a maneira como estes fenómenos foram experimentados e interpretados ao longo do tempo condicionou a forma como foram vividos e registados.

No momento presente, as preocupações sobre o clima e as suas mudanças impulsionam múltiplos projetos interdisciplinares focados no estudo dos fenómenos atmosféricos, muitos deles enquadrados dentro da chamada História Ambiental. Os dados recolhidos pela Geologia, a Biologia ou a Física são complementados nesses projetos com outros preservados em fontes escritas produzidas por testemunhas coevas e, portanto, registados em função de critérios diferentes dos atuais, que é necessário compreender para poder ‘traduzir’ essas fontes e trabalhar esses dados. A função simbólica que durante séculos tiveram os fenómenos celestes, o significado que era dado às epidemias ou a maneira como as estações condicionavam o quotidiano são, por este motivo, importantes não só para conhecer melhor as mentalidades de períodos pretéritos, mas para interpretar os registos que os habitantes dessas épocas produziram.

Ao lançarmos o repto para este caderno temático, tivemos o ensejo de integrar na *Revista de História da Sociedade e da Cultura* um contributo coletivo, para o desenvolvimento de um debate científico, que anima a atualidade historiográfica e vai ao encontro de preocupações da comunidade científica e da sociedade civil dos nossos dias. Em resultado da chamada de artigos e posterior avaliação científica das propostas, apresentamos, hoje, um conjunto de estudos redigidos em inglês, castelhano, francês e português, produzidos por investigadores das universidades de Granada, Requejavique, Girona, São Petersburgo, Cidade de Nova Iorque, Évora e Porto. Apesar de publicar, exclusivamente, trabalhos de carácter historiográfico, este caderno temático beneficiou também de contributos provenientes dos estudos literários e da musicologia.

Com análises que observam a perceção, a reação e o registo de fenómenos naturais, numa espacialidade que integra o Próximo Oriente, o Mediterrâneo, a Europa Central e Setentrional, a Península Ibérica e os Açores, este caderno temático interpela-nos a refletir sobre o peso das condições ambientais, no quotidiano de diferentes sociedades e culturas, entre os séculos VII e XVIII. A Natureza é aqui abordada, nas suas diferentes manifestações. Ao folhear das páginas, deparamo-nos com ocorrências simples – como o Sol, o vento e a chuva do dia-a-dia –, fenómenos mais violentos e extemporâneos – como os tremores de terra, as secas e as inundações – e ainda manifestações visualmente mais impressionantes – como os eclipses e as auroras boreais.

O conjunto engloba abordagens historiográficas plurais, assentes numa plêiade de fontes heterogénea, porque heterogéneas são também as geografias e as cronologias em foco. A análise de crónicas é preponderante, sobressaindo a frequência com que são utilizadas e a grande diversidade dos seus

contextos de produção laicos e eclesiásticos; mas o substrato documental que fundamenta os trabalhos integra, também, fontes como textos litúrgicos, correspondência, literatura de viagem e jornais. A percepção da natureza foi assim analisada a partir de registos individuais e subjetivos, mas também com base em discursos estruturados para o coletivo, em que os diferentes fenómenos veiculam uma mensagem ideológica – religiosa e política – e são imbuídos de um significado.

No seu conjunto, estes estudos contribuem para a compreensão da percepção dos fenómenos naturais, pela Humanidade, ao longo de mais dez séculos de História, oferecendo-nos interpretações dos efeitos da meteorologia, da sismicidade e da astronomia na paisagem natural, edificada e sonora; nas vivências sociais e espirituais; e na construção política de diferentes poderes. Maioritariamente enquadrado numa cronologia anterior à normalmente estabelecida para a consolidação do pensamento científico, este caderno fornece dados fundamentais para a real compreensão dos conhecimentos e da consciência que as sociedades medievais e modernas tinham da Natureza. E, nesse sentido, a sua leitura global permite abordagens comparativas e o aprofundamento de um conhecimento diacrónico, centrado na visão e na compreensão humana da Natureza e das suas diferentes manifestações.

Publicado num tempo em que se debate, de forma polémica e controversa, a capacidade do Homem de intervir e ameaçar os equilíbrios atmosféricos, este caderno coloca-nos perante a percepção do natural pela Humanidade, ao longo de mais de 1000 anos. Individual ou coletivamente, os diversos artigos fornecem importantes conclusões sobre a reação e a percepção das sociedades face à Natureza e às sequelas materiais e psicológicas que as suas manifestações lhes imprimiam, tal e qual, um dia, também a sociedade atual estará em análise. Nessa capacidade de nos fazer percorrer cronologias e geografias díspares, de nos apresentar as marcas da Natureza na materialidade e na mentalidade de diferentes épocas e civilizações, obrigando-nos à reflexão e ao questionamento permanente acerca do real conhecimento do Homem face ao Ambiente, se cumprem os objetivos iniciais das coordenadoras deste caderno que, agora, o entregam à fruição e ao estudo do leitor.

COVADONGA VALDALISO-CASANOVA

CH – U. Lisboa / CHSC – U. Coimbra

covaldaliso@gmail.com

MARIA AMÉLIA ÁLVARO DE CAMPOS

CHSC – U. Coimbra / CIDEHUS – U. Évora

melicampos@gmail.com